

RESUMO: O presente ensaio procura investigar as possíveis razões que têm levado autores a se dedicarem à escrita de narrativas memorialísticas. Partindo de duas pequenas obras literárias, *A infância do mago*, de Hermann Hesse, e *As pequenas memórias*, de José Saramago, ambos laureados com o Prêmio Nobel, analisaremos algumas das lembranças dos autores e as reflexões que eles nos apresentam ao escrever sobre elas. A busca que os move, e a outros escritores, surge na forma de um desejo de recuperar vivências de tempo e de magia experimentadas em recordações dos dias de infância.

Palavras-chave: memória; infância; magia; tempo; narrativa memorialística.

ABSTRACT: This essay investigates the possible reasons that have driven authors to dedicate themselves to the writing of memoir narratives. Beginning with two small literary works, "A infância do mago" by Hermann Hesse and "As pequenas memórias" by José Saramago, both recipients of the Nobel Prize, we will analyze some of the author's memories and the reflections they offer as they write about them. The quest that motivates them, as well as other writers, arises in the form of a desire to recapture memories of time and magic as experienced in our recollections of childhood.

Key words: memory; infancy; magic; time; memorialistic narrative.

O tempo da infância nas narrativas memorialísticas

Mônica Reiche

Minha porta de entrada para a literatura foi a infância. Os primeiros textos que escrevi que considero literários foram baseados em reminiscências de meus primeiros anos. De tempos em tempos, revisito minhas memórias, registrando novas lembranças. Tenho também muito prazer em ler o que outros relatam sobre suas experiências dos tempos de criança.

Grandes escritores, com frequência, dedicam-se a redigir textos que, de uma forma ou de outra, os remetem às suas memórias. Leon Tolstói o fez. Hermann Hesse o fez. José Saramago o fez. Graciliano Ramos e Oswald de Andrade o fizeram. Muitos outros também o fizeram e continuam fazendo: Alejandro Zambra, João Anzanello Carrascoza, Inês Bortagaray.

Por que essa vontade aparentemente comum de escrever sobre as vivências e experiências da infância? Que fantasia e desejos se escondem por trás de tal intenção? O que buscamos neste mergulho em tempos já há tanto vividos, muitas vezes difíceis de resgatar?

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

Será o escritor, como o poeta Casimiro de Abreu (2022, p. 38), apenas momentaneamente tomado por um saudosismo que o leva a relatar acontecimentos que lhe irrompem na memória? Será simplesmente uma forma de recordarmos passagens que nos trazem certa nostalgia? De reviver experiências que, talvez contra a vontade, tivemos de deixar para trás? Será uma volta a uma vida idealizada de despreocupação e ingenuidade, uma volta ao lar?

Mesmo com momentos difíceis e dolorosos na infância — e acredito que todos os tivemos —, é um retorno que nos seduz. Ansiamos por resgatar algo distante, algo que acreditamos nem existir mais? O que encontramos são frequentemente recordações de momentos que nos são, por alguma razão muito pessoal, de extrema significância. Estaremos, como Proust, em busca de um tempo perdido?

Não se trata, em geral, de narrativas propriamente ditas e organizadas, mas de instantes e eventos que se sucedem, muitas vezes em ordem não cronológica, mas descontínua e aleatória. Pequenas peças que, pouco a pouco, parecem querer reconstruir nossa infância — ou do que e como nos lembramos dela. Um caleidoscópio de impressões que vão se seguindo e se superpondo, criando imagens que nos encantam ao reencontrá-las.

São lembranças que habitam em nós, por mais que estejam adormecidas grande parte do tempo. Encadeiam minutos esparsos de nossa vida e, de quando em quando, chegam a conferir um sentido a eles. Em certos momentos, essa miríade de sensações nos envolve com tal força que seu transbordar pede então, se possível, para tomar a forma de escrita. Sabemos o quanto escrever impele a recordação, que a escrita vivifica a memória. Escrever todas essas reminiscências dá a elas uma concretude que o etéreo da mera rememoração nos nega.

É verdade que nunca podemos ter certeza de que aquilo de que nos lembramos realmente aconteceu — ou de que aconteceu da forma como nos lembramos. A dúvida aparece naquele que recorda, como nos conta Saramago em *As pequenas memórias*.

Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias de episódios de que eu tivesse sido actor inconsciente e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento por me terem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes, se é que não fariam, também elas, por terem ouvido contar a outras pessoas. (SARAMAGO, 2006, p. 58)

Certamente, as memórias têm forte caráter social. São influenciadas por episódios que outros nos relatam e estes vão se tecendo ao que genuinamente recordamos. Mas não é só isso que interfere. Tudo de que nos lembramos é fortemente carregado de afetividade. Vazios serão também preenchidos pela nossa própria reconstrução do passado. Re-construímos aquilo que nos escapa e que não nos foi contado inconscientemente.

Uma narrativa memorialística é sempre, assim, de certa forma, uma obra de ficção. Não escrevemos sobre nossa vida pregressa real. Isso é impossível, pois ela não existe mais e nos é totalmente inacessível. Tudo o que temos são fragmentos rearranjados e complementados em uma re-criação que eterniza, nas páginas de um livro, um tempo perdido. Pura mágica da infância voltando a atuar!

O que, afinal, nos leva a escrever — e ler —, com tanto entusiasmo, textos sobre um tempo já tão distante? Para tanto, vou me deter em dois textos de escritores laureados com o Prêmio Nobel de Literatura: *A infância do mago*, escrito por Hermann Hesse em 1922, quando tinha 45 anos, e a *As pequenas memórias*, escrito por José Saramago em 2006, aos 84 anos de idade.

A magia

Parte do que me parece buscarmos nessa volta ao passado é a magia. Tínhamos então algo que não possuímos mais.

Alguma parte de mim já não era criança. [...] Sem que notasse, a prisão se fechou. Sem que eu notasse, a magia se dissipou à minha volta. [...] Por todo lado, o mundo se desencantava; o que antes era vasto agora se estreitava, o que antes era precioso agora se empobrecia. [...] As cores eram mais pálidas, os sons eram menos vibrantes. (HESSE, 2010, p. 41-42)

Hesse expressa claramente um sentimento de perda ao deixar de ser criança, que acredito todos, em maior ou menor grau, compartilhamos com ele. Para fazer parte de um mundo adulto, somos forçados a abrir mão de nossas fantasias infantis e a entrar numa realidade que nos é, por vezes, muito distante daquilo que criamos em nossos sonhos de criança: sem encantos, sem horizontes, sem cores e sons vibrantes.

Vivemos durante anos em um mundo sem fronteiras. A imaginação nos possibilitava — dentro de certos limites, é claro — tudo o que desejávamos. Estranhamente, apesar de nossa pequenez, como Hesse, podíamos tudo, mesmo que muitas coisas só existissem em nós e para nós.

Bem mais belo era o mundo dos meus desejos, bem mais ricos eram os meus devaneios. A realidade era insuficiente, a magia era indispensável. (HESSE, 2010, p. 28)

Contávamos com uma curiosidade infinita, a partir da qual íamos construindo uma sabedoria característica da idade. Queríamos, a nosso modo, participar do universo ao nosso redor de uma forma única. Queríamos andar pelo mundo para conhecer tudo, as coisas da terra, da água e do ar, o dia e a noite, as árvores e os animais; buscávamos um contato próximo com a natureza, a mãe que tudo cria.

Quando subia ao campanário da igreja ou trepava ao topo de um freixo de vinte metros de altura, os seus jovens olhos eram capazes de apreciar e registrar os grandes espaços abertos diante de si, mas há que dizer que a sua atenção sempre preferiu distinguir e fixar-se em coisas e seres que se encontrassem perto, naquilo que pudesse tocar com as mãos, naquilo também que se lhe oferecesse algo com que, sem disso ter consciência, urgia compreender e incorporar ao espírito (escusado será lembrar que a criança não sabia que levava dentro de si semelhante joia), fosse uma cobra rastejando, uma formiga levantando ao ar uma praga de trigo, um porco a comer do cocho, um sapo bamboaleando sobre as pernas tortas, ou então uma pedra, uma teia de aranha, a leiva de terra levantada pelo ferro do arado, um ninho abandonado, a lágrima de resina escorrida no tronco do pessegueiro, a geada brilhando sobre as ervas rasteiras. Ou o rio. (SARAMAGO, 2006, p. 13-14)

Lembro-me de andar por toda a vizinhança com meu avô materno, meu grande companheiro de aventuras e descobertas. Tudo eu perguntava e tudo, pacientemente, ele respondia e explicava. Muito do que hoje sei aprendi nessas caminhadas: nomes de árvores, de flores e de frutos; nomes de aves e animais silvestres; nomes de estrelas e constelações.

O que ia assim conhecendo formava a lendária sabedoria das crianças. Sentíamos que o mundo nos pertencia, que tudo estava ali para nós, havia sido criado para nós. O que nos causava qualquer insatisfação era rapidamente encantado, transformado, aperfeiçoado através de nossos poderes mágicos.

Esse mundo exterior, enriquecido pelas fantasias e pela imaginação, tornava-se todo ele um mundo mágico, muito mais fascinante. Com “Por muito tempo vivi no paraíso” (HESSE, 2010, p. 20), Hesse define sua infância, a infância do mago, infância essa que com pesar sente que teve que abandonar.

“Quisera eu, quisera eu ser criança outra vez!” [...] Fui capturado pela vida dos adultos, primeiro a mão, depois o braço, e logo estava preso por inteiro à vida de objetivos e números, ordem e trabalho, provas e profissões; [...] logo não entenderia as crianças e quem sabe até começaria a invejá-las. Mas a verdade é que eu não queria nada disso, não queria sair do meu mundo tão belo e tão querido. [...] Só desejava uma coisa da vida: queria ser mágico. (HESSE, 2010, p. 40-41)

Será, então, que tudo o que nos atrai nesses retornos à infância é o desejo de sermos criança outra vez? De termos mais uma vez poderes mágicos para encantar, transformar e aperfeiçoar a realidade e o mundo à nossa volta a nosso bel-prazer? E será que escrever sobre esses tempos e essas experiências, de alguma forma, satisfaz esse nosso desejo e propicia recuperar esses poderes mágicos? Ainda não estou satisfeita. Vamos adiante.

O tempo

Enquanto vivíamos a realidade, acompanhados por esse interminável tom de magia, o tempo era também vivido de forma bastante peculiar, diversa da forma como o experimentamos em nosso assim chamado mundo adulto.

Não sei como o perceberão as crianças de agora, mas, naquelas épocas remotas, para as infâncias que fomos, o tempo aparecia-nos como feito de uma espécie particular de horas, todas lentas, arrastadas, intermináveis. Tiveram de passar alguns anos para que começássemos a compreender, já sem remédio, que cada uma tinha apenas sessenta minutos, e, mais tarde ainda, tínhamos a certeza de que todos estes, sem exceção, acabavam ao fim de sessenta segundos. (SARAMAGO, 2006, p. 59)

Havia um cercadinho no jardim do meu pai onde eu criava coelhos e um corvo manso. Ficava ali por horas infinitas, que duravam uma hora geológica, acalentando meu prazer de proprietário, junto aos coelhos [...], junto ao corvo que tinha lampejos de vida eterna em seus olhos duros. (HESSE, 2010, p. 21)

Saramago e Hesse compartilhavam a percepção da experiência do tempo infinito na infância. O tempo nunca era uma questão e havia tempo para tudo. Não era uma referência nem era um limite, mas o continente onde todas as coisas se realizavam, o espaço do brincar e do viver.

A magia que tudo cercava agia igualmente aí, fazendo do tempo algo adaptável a nossas necessidades. Nada a preocupar, pois se as horas eram intermináveis, a vida também o seria, algo confirmado pelos lampejos de vida eterna nos olhos do corvo de Hesse.

Talvez nem sejam os acontecimentos em si que buscamos reviver, mas algo escondido por trás deles: a forma como experimentamos o tempo. As memórias que temos de nossa infância se situam nessa experiência de tempo eterno, de tempo imóvel, de um tempo em que, para Hesse, “tudo vivia no presente”. (HESSE, 2010, p. 21)

Nas narrativas memorialísticas, muito comumente, observamos que os eventos não obedecem a uma ordem cronológica, mas são contados a partir de associações feitas pelo escritor conforme escreve. Isso nos mostra o tempo correndo de uma maneira particular, e possivelmente influenciada pela época que é narrada. Partes do dia, assim como épocas do ano, se misturam. Fases de vida do personagem se interpõem. Várias conjunturas temporais podem coexistir em um mesmo momento.

A criança que eu fui não viu a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. [...] Muitos anos depois, com palavras do adulto que já era, o adolescente iria escrever um poema sobre esse rio — humilde corrente de água hoje poluída e malcheirosa — em que se tinha banhado e por onde havia navegado. (SARAMAGO, 2006, p. 13-14)

O tempo do que é narrado se mescla com o tempo da narrativa, numa superposição de momentos originalmente distantes e que se fundem pela experiência de abolição da sequência temporal lógica. A memória pode percorrer, em um mesmo instante, momentos os mais longínquos e trazer-nos a vivência de que mais uma vez, como talvez inúmeras vezes na infância, o tempo foi suprimido.

A magia no tempo

Não é a criança que fala em uma narrativa memorialística, mas, sim, o adulto. Um adulto que dá voz a uma criança que não existe mais, a não ser dentro dele. A criança é vista à distância, mas, ao mesmo tempo, está dentro daquele que escreve. O adulto a reencontra dentro e fora, simultaneamente.

Essa dualidade foi magnificamente representada por Fernando Sabino no prólogo e no epílogo de seu livro *O menino no espelho*. No prólogo (“O menino e o homem”), o menino observa uma fila de formigas a caminho do formigueiro, quando se aproxima dele um homem familiar, mas que ele não sabe quem é. No epílogo (“O homem e o menino”), o mistério se esclarece: o escritor foi transportado ao passado, onde revê seu mundo de infância e conversa por algum tempo com ele mesmo menino. Acredito que aí comece a se esclarecer todo o encanto das narrativas memorialísticas.

William Gass, num breve artigo sobre a escrita de autobiografias, aponta para uma divisão do eu em aquele-que-foi e aquele-que-é.

Como tem início uma autobiografia? Com a memória. E com a consequente divisão do eu em aquele-que-foi e aquele-que-é. Aquele-que-é tem a vantagem de já ter sido aquele-que-foi. Além disso, aquele-que-foi, no presente, está a mercê do eu, pois talvez este não deseje recordar aquele passado, ou então pode desejar que aquele-que-foi fosse diferente que aquele que ele foi e consequentemente alterar sua descrição. (GASS, 1994, p. 4)

Mais uma vez, entramos no tão desejado terreno da magia. Essa divisão acontece, mas, simultaneamente, é uma conjugação. O momento em que o escritor se divide em aquele-que-foi e aquele-que-é é também o momento no qual aquele-que-é reencontra aquele-que-foi e, magicamente, por apenas um instante talvez, os dois passam a ser um só. E nesse reencontro, a certeza de que tudo o que foi perdido no passado está novamente ao alcance de nossas mãos. Recordação e realidade se fundem.

Recordo aquelas noites mornas de Verão, quando dormíamos debaixo da figueira grande, ouço-o [meu avô] falar da vida que teve. [...] A imagem que não me larga nesta hora de melancolia é a do velho que avança sob a chuva, obstinado, silencioso, [...]. Este velho, que quase toco com a mão... (SARAMAGO, 2006, p. 119-120)

Como Saramago, também Sabino revisita sua casa e realmente revê os aposentos e os entes queridos que não existem mais. O passado não é mais distante e encerrado, mas é trazido para o presente e revivido sem distinção entre o fato realmente ocorrido e o magicamente recuperado. O correr do tempo cronológico é momentaneamente suspenso, e passado e presente se tornam um.

É o que Proust descreve no episódio das madalenas.

Levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. [...] Estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. [...] E de súbito a lembrança me apareceu. [...] E mal reconheci o gosto do pedaço da madalena molhado em chá que minha tia me dava, eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava seu quarto, veio aplicar-se; [...] e, com a casa, a cidade toda, desde a manhã à noite, por qualquer tempo, a praça, para onde me mandavam antes do almoço, as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo. [...] Tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá. (PROUST, 1987, p. 49-51)

Exatamente o mesmo ocorre comigo com as cigarras. É ouvir o canto de uma delas e logo sou transportada ao jardim de meus avós, e me vejo debaixo de um enorme flamboiã florido, invadida por uma sensação de paz e satisfação, sem que importe onde me encontre e o que esteja fazendo. Pura magia!

Muitos anos mais tarde, ao escrever *O tempo redescoberto*, Proust volta a se deter na questão.

Deslizei célere sobre tudo isso, mais imperiosamente solicitado como estava a procurar a causa dessa felicidade, do caráter de certeza com que se impunha, busca outrora adiada. Ora, essa causa, eu a adivinhava confrontando entre si as diversas impressões bem-aventuradas, que tinham em comum a faculdade de serem sentidas simultaneamente no momento atual e no pretérito, o ruído da colher no prato, a desigualdade das pedras, o sabor da *madeleine* fazendo o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, o ser que em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre o dia antigo e o atual, era um ser que só surgia quando, por uma dessas identificações entre o passado e o presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo. (PROUST, 1988, p. 152)

Claramente, uma vivência em que não só o escritor é um com a criança que foi, mas o passado e o presente também se tornam um só. A busca parece ser esta: poder, ao menos por um curto espaço de tempo, recuperar a ilusão de novamente sermos a criança que fomos sem deixarmos de ser o adulto que agora somos, num tempo que é passado e é presente. Isso nos dá a certeza de podermos, ao menos por alguns momentos, existir na extratemporalidade, algo sentido por Saramago.

Pergunto-me que inquietante memória é a que às vezes me toma de ser eu a memória que tem hoje alguém que já fui, como se ao presente fosse finalmente possível ser memória de alguém que tivesse sido. (SARAMAGO, 1997, p. 32-33)

O passado é recuperado, mas fora de seu tempo. Revive no presente e não pode ser revivido como foi. O que foi não existe mais e não é possível reavê-lo. O que existe é o que de tal passado ainda vive em nós e que, magicamente, acreditamos estar recuperando. É uma ilusão e amamos ilusões. Para nós, é irresistível a ilusão de que conseguimos, mesmo que por uma fração de segundos, termos nas mãos nossa história num tempo indistinto que mescla passado e presente.

O que recuperamos são, muitas vezes, apenas sensações que tivemos e ficaram gravadas dentro de nós — e isso transcende a expressão verbal. Precisamos então de memórias recriadas para expressar tais sensações em palavras. É impossível escrevermos sobre nossa vida como ela realmente foi. Isso talvez nem importe. O que vivemos é finito e está recolhido a uma esfera à qual nos é impossível voltar. Nossas lembranças, por outro lado, nos são eternas e uma forma infinita de acesso a um tempo que ansiamos por recuperar.

Enquanto tivermos memórias, haverá a possibilidade de mantermos a fantasia de que nunca perderemos o passado, de que este estará sempre inacabado e acessível para ser, não apenas revivido, mas também recriado. Podemos flunar por nossas recordações e transpor a opressora linha divisória entre passado e presente. Deixamo-nos levar pelo prazer dessa experiência.

Esse ambicionado sincronismo entre aquele-que-foi e aquele-que-é, entre o tempo-que-foi e o tempo-que-é, nos leva à persistente busca de recuperar, reviver e reconstruir magicamente o tempo de nossa infância. Um passado que nunca é realmente revivido como tal, pois que nos é presente. É, portanto, a possibilidade de uma experiência nova com um passado que nos é familiar, mas diante do qual somos ao mesmo tempo estrangeiros. E por que escrever sobre tudo isso? Pela esperança de que, ao fazê-lo, de uma forma mais tangível teremos aquilo que já se foi e fomos sem perder o que agora é e somos, imortalizado nas páginas de um livro. Mais uma vez conseguimos resgatar os poderes mágicos que, como Hesse, julgávamos dissipados desencantando o mundo, e o tempo de Saramago, feito de horas que não acabavam jamais — o continente onde tudo coexiste, o interminável e extratemporal espaço do brincar e do viver. ■

Referências bibliográficas

ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GASS, William. *A arte do self*. Trad. Heloisa Jahn. Folha de São Paulo. São Paulo, 21 ago. 1994, p. 4.

HESSE, Hermann. *A infância do mago*. Trad. Samuel Titan Junior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote I, II e III*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.